

Os cuidados com a seleção e preparação dos alimentos, o uso da água, o tratamento do lixo e esgoto e a prevenção às DST/Aids e ao uso abusivo de álcool e drogas ilícitas, constituem as principais recomendações dos pesquisadores para evitar os agravos à saúde que acometem os turistas e moradores locais (Aviño, 1980; Alleyne, 1991; Reyn e colaboradores, 1992; Nogueira e colaboradores., 1995; Schmunis e Corber, 1999; Midaglia, 2001; Santos, 2004; Santos e Paiva, 2004).”

“A relação entre turistas e moradores das comunidades anfitriãs é mediada por estereótipos, ou seja, julgamentos anteriores à experiência pessoal. Em geral, os turistas vêem os moradores como mais um atrativo do local visitado. Enquanto os moradores vêem os turistas como “gente que tem dinheiro”. Para as jovens, principalmente, os turistas são uma espécie de príncipes encantados, capazes de mudar o futuro daquela que for escolhida por eles. Essa relação mediada por estereótipos aumenta a vulnerabilidade dessas jovens à exploração e ao tráfico internacional com fins sexuais que caracteriza hoje o que se convencionou chamar de turismo sexual. No Brasil, a exploração sexual comercial de adolescentes e jovens no contexto do turismo tem-se organizado através de uma rede que inclui agências (que vendem pacotes para o Brasil com acompanhantes), pousadas, casas noturnas, bares e prostíbulos. A maior parte dos turistas em busca de sexo comercial é formada por estrangeiros, embora nos últimos anos venha aumentando o número de casos de exploração sexual envolvendo turistas brasileiros, principalmente nos Estados do Mato Grosso, Ceará, Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia (Gomes e colaboradores, 1999; Piscitelli, 2002; Shin, 2003). Estudos preliminares têm demonstrado que é principalmente dos jovens nativos que os turistas tentam comprar sexo e drogas ilícitas (Santos, 2004; Santos e Paiva, 2004). Também é importante considerar que o segmento jovem está entre os mais atingidos no mundo pelo HIV/Aids e pela dependência química de álcool e drogas ilícitas (Ayres e colaboradores, 2000).

As recomendações de Reyn e colaboradores (1992) e Schmunis e Corber (1999) aos turistas em relação à preven-

ção das DST/Aids são: levantar informações sobre as formas de transmissão do HIV/DST e sobre bancos de sangue na região que se pretende visitar, abstinência sexual ou uso de preservativos durante a viagem. Contudo, os estudos de Ross (2001) e Burns (2002) têm mostrado que muitos turistas costumam comportar-se de forma diferente da habitual quando estão viajando, longe das restrições e afazeres do cotidiano. Os autores chamam isso de “inversão comportamental”. Esse fenômeno é capaz de afastar as inibições, favorecer o consumo de drogas

legais e ilegais e dificultar a abstinência sexual ou adesão ao preservativo.

(...) Aqueles com pouca experiência de consumo e combinação de substâncias estão mais expostos ao sexo desprotegido e à overdose e lesões cerebrais do que os habituados a ingerir e combinar tais substâncias em suas cidades. De acordo com Bellis e colaboradores (2000) o acesso à informação sobre as características das substâncias e aos preservativos e serviços médicos, são fundamentais para proteger a saúde dos jovens durante as férias.

É preciso preparar os serviços de saúde das comunidades anfitriãs do turismo para que eles possam responder de forma adequada a essas demandas. Destarte, a responsabilidade não cabe apenas ao poder público, mas também às organizações comerciais que operam no mundo do turismo. As agências de turismo, linhas aéreas, hotéis, restaurantes, bares e boates, devem ajudar a proteger a saúde dos turistas e dos moradores das comunidades anfitriãs apoiando iniciativas de educação em saúde para as crianças e jovens das comunidades e a elaboração de materiais sobre o tema como folhetos, cartilhas e livros, dentre outras ações de responsabilidade social.”

*Texto elaborado pelo facilitador Alessandro de Oliveira Santos, psicólogo e professor da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, para o módulo sobre “Impacto do Turismo na Vulnerabilidade e os desafios da exploração sexual” da capacitação realizada no município de Salvador/BA.*

.....

# Turismo

A figura do viajante existe desde o alvorecer da humanidade. Viagens de negócios ou de lazer, viagens para travar batalhas ou para celebrar alianças, enfim, o ser humano sempre se deslocou na superfície do planeta e a prova dessas andanças encontra-se em uma ampla literatura dedicada aos relatos de viagens. Ao sumarizar o conceito de turismo, Ross (2002) apresenta alguns critérios que permitem diferenciar o turista de outros tipos de viajantes: ao contrário do andarilho e do nômade, cujas viagens são permanentes e incessantes, a viagem do turista é temporária; em oposição aos exilados e aos refugiados, que são compelidos a procurar outras paragens, o turista faz uma viagem voluntária e impulsionada pelas suas próprias deliberações; em contraponto ao migrante, que adquiriu exclusivamente o bilhete de ida, o turista chega ao seu destino com a passagem de volta no bolso; de forma diferente do excursionista, que está sempre em deslocamento, o turista permanece por algum tempo no seu destino; enfim, em contraposição ao veranista, a viagem do turista não é recorrente, ele está sempre a procura de novos espaços de deslocamento e de novas experiências. Por tudo isso, pode-se dizer que a viagem do turista possui um propósito muito claro: a busca voluntária de novos padrões de experiência em um local distinto de onde se desenrola a sua própria vida cotidiana.

*PEREIRA, Marcos Emanuel; ORNELAS, Tula. Estereótipos e destinos turísticos: o uso dos estereótipos nos folders de uma agência de fomento ao turismo. Caderno Virtual de Turismo. Rio de Janeiro: 2005. p. 10, 11.*

.....

Outro fator relevante do comportamento do turista é que longe de suas casas eles assumem comportamentos exacerbados. Pensam que podem fazer tudo, pois ninguém os conhece e em breve irão embora, esquecem todas as boas maneiras e regras de conduta. Querem apenas aproveitar, não importa os direitos e a privacidade dos moradores locais. Há ainda os turistas que se julgam superiores, já que estão fazendo algo considerado privilegiado pela sociedade, que é viajar de férias. Esses comportamentos dos turistas podem provocar incômodos para os moradores locais.

Para cumprir as fantasias criadas pela mídia e pela so-

**“(...) Aqueles com pouca experiência de consumo e combinação de substâncias estão mais expostos ao sexo desprotegido e à overdose e lesões cerebrais do que os habituados a ingerir e combinar tais substâncias em suas cidades”.**

cidade na mente dos turistas, as empresas podem incorrer na banalização da cultura local através de apresentações culturais estereotipadas. Todo um arranjo que existe entorno da manifestação cultural é desconsiderada. Os rituais de preparo, as pessoas envolvidas, a periodicidade, são destruídos em função da necessidade do mercado. Os moradores podem passar a perceber nas manifestações culturais não suas raízes, sua tradição, mas apenas uma forma de ganhar dinheiro.

Dessa forma fica evidente que o turismo pode gerar uma série de efeitos como degradação ambiental, alterações no ambiente social, banalização da cultura local, geração de empregos de baixa qualificação. Contudo, estes custos não são repartidos de forma equitativa. Os turistas alcançam o seu objetivo que é o lazer, os empresários alcançam o lucro (ainda que a curto prazo), mas dentre os atores envolvidos na cadeia do turismo os habitantes das regiões turísticas são os maiores afetados. Convivem com os danos gerados pelos interesses privados em relação ao turismo sem terem a oportunidade de participarem das decisões, muito menos de receberem alguma recompensa em relação às perdas que sofreram.

*GOMES, Bruno Martins Augusto; FERREIRA, Júlio César Benfenatti; SANTOS, Antônio Carlos dos. Uma abordagem crítica da atividade turística. Caderno Virtual de Turismo. Rio de Janeiro: 2006. p. 43, 44, 45.*

.....

Adoção de uma percepção majoritariamente mercadológica da atividade por investidores e, mais preocupante, pelo próprio poder público, tem promovido diversos impactos negativos às localidades onde o turismo se desenvolve. Até mesmo os efeitos positivos, nesse contexto, podem ser questionados. Vale ressaltar que os diversos conflitos advindos do processo de ocupação turística não são exclusivos desta atividade. O turismo, atividade que

Violência  
e Tráfico

Gênero

Redução  
de Danos

Raça

“nasceu e se desenvolveu com o capitalismo” (Moesch, 2000:9), é apenas mais uma atividade a reproduzir essas tensões, “ainda não devidamente avaliadas pelos cientistas sociais tanto nos indivíduos e grupos sociais de áreas esparsamente povoadas quanto nos grandes conglomerados urbanos” (Beni, 2001:74). No entanto, observa-se que, nessas áreas esparsamente povoadas e consideradas “menos desenvolvidas”, os conflitos gerados pelo desenvolvimento da atividade turística são mais visíveis e, não raro, mais cruéis. Se às grandes cidades atribui-se a concentração dos padrões e problemas gerados pela reprodução acelerada e desigual do sistema capitalista, observa-se que, através do turismo, tais efeitos passam a ser sentidos, de forma mais intensa e especialmente em determinadas épocas do ano, também em pequenas localidades.

Ironicamente, a expansão turística tem sido frequentemente associada à possibilidade de incitar o desenvolvimento dessas localidades, apesar de suas conseqüências adversas. Isso se deve em grande medida à exaltação equivocada dos benefícios econômicos que a atividade implica aos destinos em que ocorre, à crise no próprio conceito de desenvolvimento e à adoção de modelos inadequados de desenvolvimento turístico.

A deficiência da representatividade dos interesses da população em geral através do Estado implica a necessidade de uma postura pró-ativa por parte da sociedade civil organizada (lideranças locais, organizações não-governamentais, o que a Agenda 21 denomina “comunidade científica e tecnológica”, associações e outras instituições, etc.). Impõe-se cada vez mais a necessidade de transpor a política segundo espera e tudo provém do governo para uma política de participação de toda a sociedade. O papel da população não é substituir o Estado, libertando-o de suas responsabilidades, mas sim assumir uma postura ativa, organizando-se para fazê-lo funcionar. Caso contrário, o destino dessas localidades permanecerá à mercê da boa vontade da política dominante.

OLIVEIRA, Alexandra Campos. *A atividade turística e seus efeitos à população local: um paradoxo*. **Caderno Virtual de Turismo – ISSN**. Rio de Janeiro: 2005. p. 76, 77, 84.

A associação entre a pobreza, exclusão, turismo do Estado obriga a relacionar os efeitos da mundialização,

das relações econômicas – ao nível dos mercados, do capital financeiro ou da repartição internacional do trabalho – das relações políticas e dos instrumentos de regulação que se materializam com os efeitos das forças das inércias que se ancoram no plano local, nos pequenos grupos, nas comunidades. Isso ajuda a entender quem são os incluídos e os excluídos e como ocorre esse processo tão contraditório. A partir dessa compreensão, o espaço físico em si passa a ser considerado a partir de sua organização e do sentido que lhe é dado. É um produto social, contém especialidades, ou seja, espaços produzidos através das relações de forças e de poder. Espaço é assim a principal categoria da análise geográfica e nele está contida uma série de outras categorias e conceitos de apoio, tais como: território, lugar, região e paisagem, dentre outras, ao passo que o território é “o resultado histórico do relacionamento da sociedade com o espaço, ao qual só pode ser desvendado por meio do estudo de sua gênese e desenvolvimento” (Moraes 2002:63) visto como uma forma de relação de poder que remete à soberania, ao Estado-Nação e à fronteira; é o lugar, o espaço das resistências, onde se travam as lutas cotidianas, a exploração das forças de trabalho, o fluxo da mais-valia e a reestruturação produtiva da acumulação capitalista. As lutas que antes pareciam apenas das classes sociais ampliam-se e chegam aos lugares. Não apenas as classes lutam por seus interesses antagônicos, mas os espaços, os lugares tornam-se competitivos e ameaçadores, ocorrendo o que Santos (1999) denominou de “guerra dos lugares”. Os espaços vão sendo produzidos diferencialmente, como forma de subsunção do capital.

CORIOLO, Luzia Neide Menezes Teixeira. *A Exclusão e a Inclusão Social e o Turismo*. **Revista de Turismo y Patrimônio Cultural**. Ceará: Pasos, 2005. p. 297, 299.

A urbanização associada ao turismo, com seus sérios conflitos de uso e apropriação do espaço e crescente consumo destrutivo do patrimônio ambiental e cultural da região, coloca em questão a própria sustentabilidade da atividade. Este emaranhado de elementos sócio-ambientais, onde a população tem papel determinante, consolida um quadro de crise representado pela falta de um planejamento urbano, de políticas voltadas ao desenvolvimento social em diferentes níveis, local, regional e nacional, bem como de



Vulnerabilidade

Turismo

Álcool  
e outras  
Drogas

Promoção/  
Prevenção

formas mais democráticas de definição de prioridades a nível local. Neste sentido Porto Seguro é o retrato da produção do espaço subordinada a grandes interesses econômicos que simultaneamente possibilitam a inserção da população, porém à custa de elevados riscos sociais e ambientais. Este eterno dilema, tradicionalmente presente em áreas industriais e poluídas, reaparece na sedutora pele de cordeiro do turismo litorâneo. A forte pressão ambiental, neste caso é exercida não apenas pelos visitantes que consomem vorazmente espaço, cultura e lazer, mas também e sobretudo pela população residente, que se apropria deste espaço da forma que pode, reproduzindo práticas aparentemente justificáveis exclusivamente pela ilusão do retorno econômico prometido por esta forma particular de turismo de massa.

*COSTA, Heloisa Soares de Moura; OLIVEIRA, Alexandre Magno de; RAMOS, Marcelo Viana. População, Turismo e Urbanização: conflitos de uso e gestão ambiental. Caderno Virtual de Turismo. Ouro Preto (MG): 2002. p. 21.*

Os formuladores e proponentes das “soluções” para a “questão do turismo”, com base em premissas consagradas para o tal “desenvolvimento turístico ideal”, são parte de uma configuração em que vários atores sociais estão em disputa, o que nem sempre é reconhecido por tais propositores, como se essas recomendações pairassem acima de qualquer questionamento, unidas por seu próprio conteúdo seriam para o bem de todos. Parece ser assim sempre que se trata de algo proposto com a aura da “ecologia”, do prefixo “eco” é ecológico, é do bem; é “eco”, é bom. É o caso, portanto, também da ideia do “eco turismo”, cujos promotores, na prática, parecem colocar como parte de uma “razão ecológica” inquestionável. Mas, como vimos, essa aura ecológica nos muitos planos em que se traduz pode ser considerada tão invasora na visão nativa como as espécies exóticas são na visão dos ecólogos.

*PRADO, Rosane Manhães. As espécies exóticas somos nós: reflexão a propósito do ecoturismo na Ilha Grande. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre: Outubro 2003. p. 222.*

“Atualmente, o deslocamento de pessoas pelo espaço geográfico constitui um enorme desafio para o controle de endemias (doenças próprias de um lugar e seus habitan-

tes) e epidemias (doenças eventuais que têm caráter de visitação). No ano de 1983, na Itália, foi fundada uma Associação de Medicina do Turismo, a fim de fomentar pesquisas e programas informativos sobre as questões de saúde relacionadas com o turismo. O foco inicial dos trabalhos foram as doenças infecciosas que os turistas podem contrair durante uma viagem, bem como a análise de estratégias de prevenção e controle (Alleyne, 1991). A Organização Mundial de Turismo (OMT) e a Organização Mundial da Saúde (OMS) têm colaborado com a Associação na organização de reuniões destinadas a fomentar este campo da saúde pública. A Organização Pan Americana de Saúde (OPAS) também tem feito reuniões com a mesma finalidade e desde 1990 realiza, em parceria com as Secretarias de Saúde e de Turismo do México, um Congresso Nacional de Saúde e Turismo. No Brasil, em março de 1997, foi inaugurado o Centro de Informação em Saúde para Viajantes (CIVES), ligado à Universidade Federal do Rio de Janeiro. Logo depois surgiram: o Núcleo de Medicina do Viajante do Hospital Emílio Ribas, em maio de 2000, e o Ambulatório de Medicina do Viajante do Hospital das Clínicas, em janeiro de 2001, ambos em São Paulo. De acordo com informações coletadas, os turistas estão entre os segmentos que mais procuram esses serviços em busca de orientação sobre doenças e vacinas.

A revisão na literatura indica que ainda existem poucos estudos nessa área, chamando a atenção o fato dos pesquisadores focalizarem mais a saúde dos turistas do que a saúde dos moradores das comunidades anfitriãs. De acordo com a literatura consultada, durante uma viagem os turistas estão expostos a problemas de saúde causados: pela rápida mudança de ambiente (fuso horário, altitude); pelas enfermidades infecciosas contraídas devido à ingestão de bebidas e alimentos contaminados; falta de higiene nos centros de banho; picadas de inseto e mordidas de animais; contato direto, inclusive sexual, com os moradores dos locais visitados; uso abusivo de álcool e drogas ilegais como maconha e cocaína; e precariedade do sistema de saúde disponível nas comunidades anfitriãs. Os moradores das comunidades anfitriãs estão expostos, por sua vez, a problemas de saúde causados: pelo uso abusivo de álcool e drogas, tendo em vista que o turismo produz maior oferta e utilização destas substâncias nas comunidades; e pelas enfermidades infecciosas contraídas devido ao incremento da produção do lixo e o contato informal, íntimo e sexual com os turistas.